

LEITURAS DO COTIDIANO E AS INTERSEÇÕES ENTRE O JORNALISMO E AS CIÊNCIAS SOCIAIS¹

DAILY READINGS AND THE INTERSECTIONS BETWEEN JOURNALISM AND SOCIAL SCIENCES

Christa Berger¹

Frederico de Mello Brandão Tavares²

RESUMO

Ao jornalismo cabe dar a ver a vida cotidiana, às ciências sociais cabe dar a conhecer o significado desta vida. Mas, se jornalistas e cientistas sociais têm o cotidiano como horizonte, é possível afirmar que ambos comungam de uma mesma pretensão. Ao fazer emergir os acontecimentos que compõem a realidade e interpretá-los a luz de um ou outro saber, os dois campos colaboram na formação de um círculo hermenêutico que remete ao conhecimento do mundo e que faz também pensar na interseção de práticas que os envolvem, na interpenetração de processos de interpretação e visibilidade. Partindo desse ponto de convergência, este texto busca debater o lugar do jornalismo no rol de saberes sobre o cotidiano, refletindo sobre dimensões de suas práticas informativas. Nesse percurso, chama-se atenção para formas de legitimação do caráter interpretativo do jornalismo, pensando-o a partir do uso e do reconhecimento que se faz dele por outras áreas.

PALAVRAS-CHAVE:

Jornalismo; Ciências Sociais; Cotidiano.

ABSTRACT

It is function of journalism to show everyday life, and it is function of the social sciences to inform the meaning of everyday life. But if both journalists and social scientists have the sociability as an object, it is possible to say they claim to the same intent. By bringing out the events that make up the reality and interpret them in an exchange point of view, both collaborate in forming a hermeneutic circle which refers to knowledge of the

1 Professora Titular da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Pós-Doutora em Teorias do Jornalismo. Doutora em Ciências da Comunicação. christab@unisinos.br. SÃO LEOPOLDO, Brasil.

2 Professor Adjunto da Universidade Federal de Ouro Preto. Doutor em Ciências da Comunicação. fredtavares.ufop@gmail.com. OURO PRETO, Brasil.

world and are also thinking about the intersection of practices that involving both fields, and thinking about the interpenetration of processes of interpretation and visibility. From this point of convergence, this paper seeks to discuss the place of journalism in the role of knowledge about everyday life, reflecting on the methodological dimension of its information practices. In the text, we called attention to forms of legitimating the interpretative character of journalism, thinking it from use and the recognition that it does in other areas.

KEYWORDS:

Journalism; Social Sciences; Everyday life.

JORNALISMO E SABERES SOBRE A VIDA COTIDIANA

Na hierarquia dos saberes, o jornalismo ocupa um lugar específico para quem deseja estudar e esclarecer os grandes processos sociais, produzindo conhecimento legitimado acerca dos eventos que marcam e enredam a contemporaneidade. Serve, às vezes, de inspiração aos romancistas ou, com mais frequência, é fonte documental para os estudiosos da História, passado um tempo entre o que foi noticiado pelo jornalista e o que merece a interpretação do historiador. Também aparece mais como espaço imediato de divulgação do pensamento intelectual, servindo, em geral, como local de visibilidade de dizeres autorizados, do que, propriamente, um lugar designado à construção analítica sobre o que ocorre no mundo.

Todas essas concepções, menos que problematizar a percepção sobre a credibilidade jornalística e seu capital simbólico, colocam em foco o olhar sobre a essência jornalística e seu fazer, bem como as disputas que cabem, nesse terreno, no movimento de explicitação de metodologias sobre as formas de se conhecer e analisar o mundo. Mais que isso, chamam a atenção para como tempos e espaços de ordem investigativa e interpretativa, chocam-se com tempos e espaços sociais. Nesse cenário, mudanças substantivas na sociedade, que implicam na compressão de contextos e em uma convivência mais aproximada entre o vivido, o registrado e o estudado refletem-se na produção de conhecimento, assim como no entendimento sobre o lugar ocupado pelo jornalismo no campo do pensamento intelectual - ou, de maneira mais ampla, sobre o lugar que ele ocupa numa matriz de saberes “modernos”, que organiza e faz circular, por distintos discursos, os sentidos sobre a vida cotidiana.

Em se tratando especificamente do espaço acadêmico, mais que apenas afirmar o lugar do jornalismo, torna-se também interessante pensar, por essa afirmação, que tipo de aproximação ocorre quando o campo jornalístico se relaciona com outros campos e como isso ocorre. José de Souza Martins (2008), ao justificar o estudo da vida cotidiana pela sociologia, dá a ver o que conjuga os dois campos no desenvolvimento da disciplina. A vida cotidiana está nos jornais, como bem demonstram pesquisas realizadas por estudiosos da Comunicação. Logo, se a vida cotidiana passa a integrar o campo de interesse da sociologia e os jornais registram e fazem parte da vida cotidiana, eles formam um *continuum* de conhecimento que interessa observar.

Aparentemente o repetitivo, o fragmentário, o episódico constituem toda a realidade do homem comum, constituem a única coisa que tem sentido. No entanto, estamos em face de uma quase completa falta de sentido, o viver aparentemente reduzido a ações e reações que se repetem, num retorno eterno ao mesmo e à mesmice. Acabou a história e a historicidade do homem? Certamente, não. O que parece o mesmo nunca é o mesmo. Qualquer pessoa é capaz de perceber e dizer “as coisas já não são as mesmas”, “já não são como antes”. Antes, quando? Agora, no contemporâneo. É o que lhes parece mudar naquilo que na perspectiva propriamente histórica parece permanecer. Essa mudança imperceptível/perceptível é o sintoma dos processos que se agitam nos subterrâneos da sociedade, que não ganham visibilidade no imediato e no episódico, no fragmento. Mas, é neles que a circunstância ganha o sentido e a dimensão do propriamente histórico. A idéia é trabalhar essas duas dimensões do processo social e histórico, que é reconhecer o cotidiano na História e a História no cotidiano, conjuntamente, simultaneamente (MARTINS, 2008, p. 136).

O que se agita na sociedade, na superfície e no subterrâneo, o imediato, o episódico, o fragmento da vida, como afirma o autor, é matéria-prima do jornalismo. As narrativas jornalísticas reconhecem o cotidiano ao registrar o acontecimento fugaz, ainda que as circunstâncias não sejam dotadas da dimensão histórica. Se ao sociólogo não interessa a História como disciplina acadêmica, mas a dimensão da historicidade do homem ou dos processos históricos em curso é o que de igual maneira interessa aos jornalistas.

Se jornalistas e cientistas sociais têm o cotidiano como horizonte, é possível afirmar que comungam de uma mesma pretensão. Ao fazer emergir os acontecimentos que compõem a realidade e interpretá-los a luz de um ou outro saber, ambos colaboram na formação de um círculo hermenêutico que remete ao conhecimento do mundo e que faz também pensar na interseção de práticas que envolvem os dois campos ou, em outras palavras, na interpenetração de processos de interpretação e visibilidade.

Nesse sentido, perguntamos: como pensar essa interseção, a interpenetração de processos de interpretação e visibilidade? Como o jornalismo interpreta a sociabilidade e como as ciências sociais dão a ver os fragmentos que a compõem? Como esses movimentos se entrecruzam, coincidem e conflitam entre si? Partindo do reconhecimento, entre o jornalismo e as ciências sociais, de uma convergência de caráter analítico, buscamos neste texto contribuir com a discussão acerca do jornalismo no rol de saberes sobre o cotidiano, jogando luz sobre a dimensão metodológica de suas práticas informativas. Nesse percurso, chamamos a atenção para formas de legitimação do caráter interpretativo do jornalismo, sociológicas, pensando-o, por fim, a partir de seu uso e sua presença em obras de autores vinculados às ciências sociais.

Na relação do jornalismo com a sociologia, recorte aqui trabalhado, fica um pressuposto: a maneira como o jornalismo faz saber os outros saberes e a vida cotidiana, quando lida pelos cientistas sociais, deve ser pensada. Tal proposição, que orienta as próximas páginas, vem do desenvolvimento de questões debatidas anteriormente (BERGER, 2010; TAVARES & BERGER, 2010; BERGER & TAVARES, 2011), e da confluência de questões-problemas atuais, que orientam projetos de pesquisa tangenciados pelas relações do jornalismo com a sociologia e com a História, bem como por elementos que enredam estes campos, aproximando-os empírica e conceitualmente, tendo o cotidiano como objeto (BERGER, 2012; TAVARES, 2013).

A VIDA COTIDIANA PELO JORNALISMO QUE “NÃO SE VÊ”

Ao cobrir os acontecimentos da atualidade o jornalismo procede a elaboração de um conhecimento da vida cotidiana reconhecendo o que move a política, a economia, a cultura e, ainda, o que fica na sombra destas grandes temáticas. A mediação da historicidade da vida cotidiana se encontra vinculada ao jornalismo, e é esta condição que alguns cientistas sociais percebem e incorporam em suas tentativas de capturar o tempo presente, incluindo fragmentos jornalísticos para organizar, a partir deles, o argumento que explica que o tempo presente “é assim”.

No livro *A sociabilidade do homem simples*, José de Souza Martins (2008) dedica um capítulo à vida cotidiana. Argumenta que a introdução desta temática nas ciências sociais está relacionada com (1) o refluxo das esperanças da humanidade num mundo novo de justiça, de liberdade e de igualdade; (2) uma descrença na História, uma renúncia à ideia de que o homem é senhor de sua História, de que pode produzir seu próprio

destino; (3) o ceticismo decorrente das desilusões que tem acompanhado a notável capacidade e autogeração da sociedade capitalista. Neste sentido,

a vida cotidiana se tornou um refúgio para o desencanto de um futuro improvável, de uma História bloqueada pelo capital e pelo poder. Viver o presente já é uma consigna que encontra eco numa sociologia do detalhe, do aqui e hoje, do viver intensamente o minuto desprovido de sentido, que poderia ser definida como sociologia pós-moderna (MARTINS, 2008, p. 51).

O interesse pela vida cotidiana, em tal perspectiva, remete a um mundo em crise:

As grandes certezas terminaram. É que com elas entraram em crise as grandes estruturas da riqueza e do poder (e também os grandes esquemas teóricos). Daí decorrem os desafios deste nosso tempo. Os desafios da vida e os desafios da ciência, da renovação do pensamento sociológico. Se a vida de todo o dia se tornou o refúgio dos céticos, tornou-se igualmente o ponto de referencia das novas esperanças da sociedade. O novo herói da vida é o homem comum imerso no cotidiano. É que no pequeno mundo de todos os dias está também o tempo e o lugar da eficácia das vontades individuais, daquilo que faz a força da sociedade civil, dos movimentos sociais (MARTINS, 2008, p. 52).

Ao jornalismo, como se sabe, sempre coube o pequeno mundo de todos os dias. Vale lembrar Park (2008), jornalista e sociólogo, que trata o conhecimento deste pequeno mundo como *acquaintance with* (saber algo acerca de); e a notícia deste pequeno mundo, para ele, era a forma elementar de conhecimento. O conhecimento da realidade de todo o dia era desqualificado ou até recusado pelas ciências sociais em nome justamente de seu “suposto desencontro com a História” (MARTINS, 2008, p. 53). Martins (2008) ao propor a sociologia da vida cotidiana permite ler na divergência de orientações teóricas de marxistas e fenomenologistas a possibilidade de um encontro justamente naquilo que, sob diversos nomes, é, na verdade, o lugar do conhecimento do senso comum na vida cotidiana e, de igual modo, na História.

Reconhecer, no entanto, o lugar da vida cotidiana e do senso comum nos deslocamentos de interesse da sociologia, que transita da revolução e da ruptura para a continuidade e a rotina, não significa uma associação imediata com o jornalismo. Pelo menos os sociólogos não fazem costumeiramente esta associação.

José de Souza Martins (2008), ao trazer exemplos da realidade brasileira para concluir sobre a vida cotidiana, deixa evidente, para os que praticam e estudam o jornalismo, que suas fontes são os noticiários. No entanto, ele não só omite a fonte de sua informação, como não inclui o jornalismo como um elemento de composição da vida cotidiana e

de exposição do senso comum do homem simples. Ora, os exemplos trabalhados no livro só podem ter chegado a ele pelo jornalismo. É na atualidade reunida nos jornais que a vida cotidiana e o senso comum compõem um importante *corpus* dos cientistas sociais que buscam relatar o dia-a-dia “como ele é”. Martins (2008, p. 13) afirma: “na ânsia de conhecer o futuro e de nele nos reconhecemos, a nossa sociologia tem deixado de lado o presente e o atual, mesmo quando trata das urgências que nos afligem, como a pobreza, a violência, a injustiça, a opressão”. Certamente, o acesso a esse cotidiano, pelo jornalismo, não pode ser desprezado. O que significa não apenas uma leitura da mediação que esse realiza, mas, também, o reconhecimento das práticas e movimentos interpretativos que essa leitura carrega; uma espécie de “primeiridade do conhecimento”, neste caso, sociológico. Os cientistas sociais, nesse sentido, reconheceriam uma noção de senso comum operada pelo jornalismo, bem como o acesso a uma realidade visível e por ele construída.

O caminho buscado por Martins, de opor-se a uma leitura estreita da realidade, classificando sua abordagem como “uma insurgência necessária” (2008, p.13) lança, para nós, um questionamento: nessa, e em muitas outras “sociologias da vida cotidiana”, como pensar um lugar para o jornalismo, esta “fonte” pouco dita? Isso implica em reconhecer as condições de produção do jornalismo e do conhecimento jornalístico, bem como iluminar, em relação ao uso de seus conteúdos, a respeito da importância de seus processos. Não menos interpretativos e, conseqüentemente, não menos importantes.

Não queremos com isso questionar os procedimentos do campo das ciências sociais, cuja riqueza metodológica deve ser ponto de partida para qualquer reflexão que sobre ele é feita, mas enfatizar: o conhecimento que o jornalismo produz não é da mesma natureza que o conhecimento das ciências sociais, eles se nutrem um do outro e afirmam suas funções na sociedade, bem como as condições sociais que permitem sua constituição. Ao compor a realidade para o qual se volta o cientista social, este deve ter em mente a “trama de facticidade” operada pelo jornalista, tendo como desafio a construção de ferramentas que podem ora superar tal trama, ora usá-la a favor do desvelamento conceitual e analítico dos fatos do mundo. Algo que conduz o raciocínio acerca das interpenetrações e conflitos entre os campos aqui problematizados e a maneira como os sujeitos neles envolvidos leem a realidade social a partir de um arcabouço de experiências e demarcações espaçotemporais que têm implicações sobre o seu agir, constante e mutável, no mundo.

VER A FORMA DE VER O JORNALISMO

A ideia de que o jornalismo, como prática, interpreta a realidade social², não é nova. Seja nas chamadas “teorias do jornalismo”, seja no próprio fazer de jornalistas e editores, o consenso de que há uma interpretação da sociedade nos relatos jornalísticos é algo dado e não mais motivo de polêmicas, mesmo considerada a influência positivista em seu desenvolvimento profissional e teórico (MEDINA, 2008). Tal situação, inclusive, já agrega uma série de críticas a essa forma de “interpretação sucessiva da realidade social” (GOMIS, 1991), justamente pelos contextos produtivos e os diversos “constrangimentos” que os envolvem. A crítica a essa produção passa pelo que há nela de reprodução (GENRO FILHO, 1987; MORETZSOHN, 2007), de ideologia e poder (BOURDIEU, 1997; LAGE, 2002), além de uma série de outros aspectos de ordem social e institucional (TRAQUINA, 2001), para ficar em algumas referências.

O jornalismo, portanto, vê o mundo interpretando-o, utilizando-se de recursos que correspondem a lógicas institucionalizadas e legitimadas de apreensão do cotidiano, que funcionam como uma espécie de metodologia para se pensar a realidade, produzindo, por consequência, um tipo de conhecimento sobre ela. A interpretação, sob esse viés, tem significados complementares. Ela é uma ferramenta de apreensão de fatos e acontecimentos e, ao mesmo tempo, uma espécie de vitrine que expõe o fazer jornalístico. No entanto, mais que isso, cabe perguntar sobre o significado desses significados: o que significa interpretar a realidade para o jornalismo? E a resposta para tal questão será indicativa de certos pontos de contato, de confluência, que iluminam a aproximação do jornalismo com as ciências sociais. Nesse contexto, deve-se tanto pensar sobre a multiplicidade de cotidianos que cercam a vida social, como sobre as intenções e interesses que cercam as leituras que deles são feitas. Menos que algo dado, apesar de muitas vezes naturalizado, “o” cotidiano, nas interpretações que cercam o jornalismo, diz respeito a uma maneira específica de lidar com a imprevisibilidade e facticidade do conjunto de fragmentos que compõem o “aqui e agora” da sociabilidade.

A interpretação tomada como “ferramenta” é coerente com a ideia trabalhada por Gomis (1991), que propõe a interpretação do jornalismo como algo que tem “duas caras ou aspectos”: compreensão e expressão. Cabe ao jornalista, assim como aos legisladores e juristas (em relação às leis), aos tradutores (em relação às línguas), compreender e expressar o que acontece no mundo. No movimento reverso, essa mesma ideia de interpretação, que vem como um tipo de resultado do processo jornalístico, coloca em

evidência o seu próprio fazer, expondo as “ferramentas” propriamente ditas do jornalístico, que compõem seu bem elaborado processo de falar sobre o mundo (apuração, redação, edição etc) e o inserem em uma cadeia interpretativa sucessiva, da qual fala o autor, também reveladora de seus limites e de suas lacunas.

Não à toa, a aproximação do fazer jornalístico e o conhecimento dele resultante a um contexto hermenêutico tem sido freqüente. O reconhecimento do papel interpretativo do jornalismo cerca-o de uma condição de sujeito social, que leva à reflexão sobre a condição explicativa do jornalista (a do simples relatar) e de intérprete, cuja prática, pelas escolhas e angulações, sugere um tipo de análise. O jornalismo, nesse sentido, mais que apenas uma fonte, é também um registro crítico da sociedade, expondo não uma avaliação sobre esta, mas um compromisso com certos preceitos que, pelo menos na origem, deveriam estar ligados a princípios democráticos e cívicos, relacionados ao direito à informação ou, em outras palavras, ao “saber sobre o mundo”. Sua condição de sujeito, por isso, passa a ser interrogada pelo conhecimento que ele produz (e sobre quem produz), o que traz efeitos não apenas no pensamento sobre sua narrativa, mas também pelos modos de constituição dessa narrativa, historicamente situada.

A linguagem jornalística, concretizada a partir de um conjunto de técnicas e significantes (textuais, imagéticos, materiais e editoriais), coloca em cena os traços da subjetividade que permeiam a profissão e a mediação que a perpassa. De um ponto de vista hermenêutico, entretanto, é necessário tomá-la pelo que também está além dela, pelo que nela se manifesta, mas que habita os sentidos que a ultrapassam. Ao falar do mundo, no mundo e para o mundo, o jornalismo realiza um arranjo de sentidos, potencialmente múltiplos, que incide sobre a interpretação que ele realiza e sobre o conhecimento que produz. Na esteira do pensamento de Ricoeur (1978), é como se o trabalho jornalístico pudesse ser afirmado (e percebido) como atento em “decifrar o sentido oculto no sentido aparente, em desdobrar os níveis de significação implicados na significação literal” (p. 15), que estaria presente na linguagem (ou, mais ainda, no lingüístico).

Se consideramos uma visão mais atual sobre o “círculo hermenêutico” inaugurado pelas ciências sociais e a filosofia, pode-se dizer que a Hermenêutica, hoje, atribui um caráter mais “universal” à interpretação, associando-a a toda e qualquer forma de conhecimento humano. Nesse cenário, o jornalismo, como uma forma de conhecimento, pode também ser visto como um tipo de fazer cuja compreensão do mundo pode ser pensada

à luz de uma natureza informativa, que compreende o que acontece no mundo e seus significados. Pode também, ele mesmo, ser visto a partir de um *como*, a partir de suas maneiras de fazer sentido e que são fundamentais para a compreensão da sociedade, uma espécie de Outro, que se entende por si (o jornalismo).

Reflexões recentes sobre a “produção do acontecimento jornalístico”³ são exemplos dessa alteridade, desvelando mecanismos do jornalismo, na relação com “o” real, para ultrapassar o que é aparente do acontecimento, aquilo que habita sua potência e que está para além de sua superficialidade. Pode-se dizer que nessa esfera interpretativa, ganham visibilidade não apenas questões da ordem dos sentidos e dos significados, mas também apanhados que consideram aspectos da ordem do poder, da ideologia e outros elementos da estrutura social.

É prudente, nesse contexto, não realizar-se qualquer supervalorização do trabalho jornalístico e de seus relatos sobre o social. Deve-se, entretanto, ao se chamar a atenção para os aspectos interpretativos que permeiam suas práticas, enfatizar o que problematizamos no início desse texto, sobre o conflito entre aquilo que se dá a ver e aquilo que se interpreta. A interpretação, como método, não está deslocada (ou descolada) do jornalismo e tal caráter deve ser pensado quando este é tensionado aos discursos dos intérpretes autorizados (ou legítimos) da análise social, os cientistas sociais - ironicamente, fontes frequentes do discurso jornalístico. Como afirma Carvalho (2008, p. 7):

as narrativas jornalísticas não colocariam em circulação apenas acontecimentos, mas ao fazê-lo, o jornalismo nos fornece também quadros, inclusive mentais, a partir dos quais o aqui e o agora devem ser referenciados. De fato, desde que as mídias passaram a constituir presença obrigatória no cotidiano social, não nos é possível falar de um presente que não esteja por elas, em maior ou menor grau, atravessado.

O mesmo autor, ao aproximar o pensamento de Ricoeur ao jornalismo, constrói um raciocínio que permite pensar a narrativa jornalística a partir da noção de *tríplice mimese*. Segundo Carvalho (2012, p. 178), para contar a atualidade,

[...] o jornalismo lança mão de variadas estratégias narrativas, como o simples relato, entrevistas, reportagens, crônicas e outras possíveis, nunca escolhidas aleatoriamente, mas em função de objetivos estéticos e, por que não, a partir de uma intencionalidade de criar efeito, ao que sempre corresponderão formas de leitura potencialmente tão múltiplas quanto a própria quantidade de leitores [...]

A *tríplice mimese* de Ricoeur, constituinte daquilo que o autor afirma como círculo hermenêutico, chama a atenção para a compreensão do mundo, mas, também, “para a própria dinâmica de construção da narrativa e as mediações que ela estabelece” (CARVALHO, 2012, p. 181). Considerado, portanto, o caráter da narratividade nos relatos jornalísticos, quando esses se encontram com outros relatos no interior da sociedade, torna-se relevante compreender as lógicas que cercam os esclarecimentos/conhecimentos por eles tangenciados ou tensionados. Seja na presença “útil” de um no outro, seja no confronto entre suas “naturezas” metodológicas e, no sentido aqui trabalhado, interpretativas.

Regina Tralhão (2009, p. 24), em sua reflexão sobre a Hermenêutica e suas relações com o sujeito no pensamento social, afirma que os desafios contemporâneos à cultura iluminista do conhecimento “têm envolvido um conjunto de posições que procuram problematizar, entre outras, a separação entre ciência, retórica e política”. Para a autora, “uma boa parte dos novos modos de conhecimento social caminha no sentido de novas articulações entre análise empírica e argumentação moral, entre teoria e narrativa, entre conceptualização e retórica” (p. 24). Tal argumento tem endereço certo, pois trata-se de uma espécie de virada do fazer analítico dos cientistas sociais, que deixariam - como afirma Bauman - de “legislar” sobre a sociedade, para, então, interpretá-la, o que pediria uma compreensão das lógicas que constituem o pensamento hermenêutico.

Assim, Zygmunt Bauman é um dos autores que procuraram caracterizar a nova situação em que se está a desenvolver essa outra teoria social, assim como os obstáculos com que esta se defronta. Na esfera do conhecimento, prevalece uma razão “legislativa” que tenciona designar e impor ordem, através da categorização, classificação e regulamentação da natureza humana e social. Esta é uma época organizada em torno da procura de princípios gerais, nos domínios das leis da mente/pensamento, da sociedade, da história e, de um modo geral, centrada no desejo da certeza e dos fundamentos assertivos. As novas formações sociais e culturais configuram, em certos casos, processos de des-diferenciação ou colapso das fronteiras e de desaparecimento de um centro para a sociedade como para o conhecimento. O mundo social está crescentemente fragmentado numa multiplicidade de comunidades, tradições culturais e conhecimentos. Assim, a linguagem do observador tende a libertar-se dos imperativos da objectividade, universalidade e verdade, passando o discurso sobre a cultura a ser organizado por uma pluralidade irreductível de conhecimentos e de “pontos de vista” e por entrelaçamentos do conhecimento, da retórica e da política. Comentando estas novas condições, Bauman entende que o analista social irá abandonar o papel de “legislador” em favor de um papel mais “interpretativo”: o analista social enquanto mediador entre diferentes mundos sociais, enquanto intérprete de culturas diferentes e defensor de visões morais particulares (TRALHÃO, 2009, p. 24 - 25).

A fala da autora, pensamos, trocadas algumas palavras, não se invalidaria caso transposta para um contexto de argumentação a respeito do papel interpretativo do jornalismo em relação à sociedade e as visões que se tem dele historicamente. Sabe-se que o jornalismo lida com a efemeridade e possui temporalidade distinta da científica, que pisa no terreno da compreensão acerca de estabilizações e sedimentos. Entretanto, considerando a maneira como o conhecimento jornalístico lida com o cotidiano e comparando-a com a das ciências sociais, torna-se interessante refletir sobre como, na interpenetração entre ambos e seus respectivos repertórios empíricos (*corpus* elaborados), o jogo entre a visibilidade e a interpretação do(s) cotidiano(s) cria um outro jogo, no qual o que se dá a ver e o que se interpreta são o próprio jornalismo, a sociologia e suas formas de fazer.

Se Martins (2008) não deixa explícito o jornalismo como fonte de suas reflexões, outros autores deixam claras tanto a relação histórica entre estes dois campos quanto a atualidade dessa relação, manifestando críticas e aproximações entre seus saberes e modos de leitura sobre a vida cotidiana.

INTERPRETAÇÕES E VISIBILIDADES, APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

Não é de hoje que o jornalismo e a sociologia são postas em relação e pelas mais diferentes entradas. Ora são lembradas como as disciplinas que lidam com o conhecimento, ora é o sociólogo que foi repórter, ora é o jornalista que vai a campo com as ferramentas do cientista.

Um registro importante desta relação - e talvez o primeiro - é o projeto de estudo do jornalismo que Max Weber apresentou no Primeiro Congresso dos Sociólogos Alemães, em 1910, infelizmente não concretizado. No texto, Weber argumenta que o jornalismo é um objeto de estudo para a sociologia, sugerindo, inclusive, uma linha de pesquisa acerca dele.

Caso o projeto tivesse sido realizado, teria surgido aí um marco da pesquisa em jornalismo, pois ele abarcava todas as instâncias que ainda hoje interessam: a conformação dos monopólios, os critérios de noticiabilidade, a relação com os anunciantes, com as fontes e com os leitores. Weber igualmente teria contribuído com as modalidades de

fazer pesquisa uma vez que em seu projeto estavam previstas etapas quantitativas, qualitativas e comparativas.

Relembra-se novamente o nome de Robert Park, jornalista que dirigiu sua atenção, como repórter, aos temas que mais tarde elegeria como suas questões de investigação. Em seus textos, Park manifestou, muitas vezes, as coincidências entre as duas profissões: “O sociólogo é um tipo de super-repórter, como os homens que escreviam no *Fortune*. O sociólogo conta as coisas de uma forma um pouco mais precisa, e com um estilo um pouco mais imparcial que o homem médio: o que meu amigo Franklin Ford chamaria as ‘grandes notícias’” (PARK, 1950, ix *apud* BERGANZA CONDE, 2008, p. 19). As grandes notícias, segundo Park, constituíam a análise “das tendências durante um longo período de tempo, referem-se ao que está acontecendo no presente, não relatam somente o que sucede na superfície das coisas e explicam aquilo que parece que está passando” (PARK, 1950, ix *apud* BERGANZA CONDE, 2008, p. 19).

Na visão parkiana, as grandes notícias seriam a forma de fazer jornalismo em profundidade, algo concomitante, para ele, à forma como se deveria fazer investigação sociológica. O autor percebia entre estas duas maneiras de abordagem do cotidiano uma forma de conhecimento, relação que orientou seu pensamento no que se pode afirmar como sendo uma “construção da sociologia do conhecimento”. María Rosa Berganza Conde (2000) estudou Park em sua tese de doutorado e ressalta que ele, Franklin Ford⁴ e John Dewey lançaram, em 1892, um projeto jornalístico que não teve êxito: a publicação do *Thought news, uma publicação que deveria interpretar os acontecimentos diários de maneira sociológica, agindo sobre a opinião pública por meio de uma melhor apresentação das notícias. Apesar da não circulação do jornal, pelo “avançado da proposta para aquela época”*⁵ (BERGANZA CONDE, 2000), o projeto acabou por cristalizar definitivamente o interesse de Park pela significação social das notícias, o que levou a estudos em Harvard e na Alemanha.

O desejo de Park em “adquirir conhecimentos a partir da experiência”, refletia a influência de Dewey (e do viés pragmatista) em sua prática profissional. Revelava, em sua busca pela realização de um bom jornalismo, o propósito de integrar o conhecimento pela familiaridade com as coisas (*acquaintance with*) e o conhecimento sistemático sobre elas (*knowledge about*) - conceitos herdados de outro pragmatista, William James, que tiveram grande papel na formulação parkiana posterior sobre o conhecimento das notícias. De Ford, veio a influência sobre “como se devia informar sobre o mundo”.

Park e seu amigo jornalista desejavam realizar um jornalismo “mais profundo”, científico, que fosse “além das meras aparências” e através do qual os leitores pudessem “compreender melhor o significado dos acontecimentos” (BERGANZA CONDE, 2000).

[...] ambos estaban de acuerdo en que no se debía informar simplemente de los hechos concretos, sino que se debía dotar a las noticias de un contexto interpretativo, que se podía conseguir observando períodos largos de tiempo, y a través de técnicas precisas - cuantitativas y cualitativas - algunas de las cuales ha hecho suyas el llamado “periodismo de precisión”, considerado innovador a principios de los años setenta en Estados Unidos (BERGANZA CONDE, 2000, p. 21, grifos nossos).

A figura de Park, aqui tomada como ponto de partida, e sua influencia pouco reconhecida em outras aproximações “mais duras” do jornalismo com a sociologia, como a acima citada do chamado “jornalismo de precisão”, coloca em evidência aspectos que, mais que aproximar o jornalismo de um fazer sociológico (valorizando, portanto, o que há de específico em cada um deles), clarificam limites e virtudes de um fazer que, pensado e praticado, soube se consolidar na sociedade a partir de uma função social definida, “sustentada” e tensionada por questões de ordem institucional e pelas reverberações dos distintos contextos sociais que o abrigaram.

Essa visão do jornalismo, em certo sentido, “sobre si”, tem, no nosso entendimento, forte influência de seu contexto interpretativo, o que além de permitir a construção de sua credibilidade, coloca-o, hoje, como fonte e como saber possível na colaboração de um entendimento sobre o mundo, inclusive quando posto em relação e/ou tangenciado por outras áreas, atentas às visibilidades que o jornalismo cria e ao senso comum por ele enredado a partir de específicas operações cognitivas e intencionais.

No que diz respeito à sociologia e sua análise crítica da sociedade, alguns autores contemporâneos incluem a mídia e o jornalismo como parte da sociedade e criticam a posição que ocupam na sua conformação; e outros autores trazem textos publicados nos jornais como exemplos para formular um pensamento sobre a sociedade contemporânea. Esse cenário que podemos reconhecer como estruturado por “aproximações” e “distanciamentos” entre o jornalismo e as ciências sociais, ressalta não só o cotidiano como horizonte de situações interpretativas distintas, como também provoca distintas visibilidades sobre estes saberes e os conhecimentos que os constituem.

Tzvetan Todorov⁶, por exemplo, inclui a mídia entre os inimigos da democracia:

Acreditamos tomar sozinhos nossas decisões; mas se todas as grandes mídias, desde a manhã até a noite e dia pós dia, nos enviam a mesma mensagem, a margem de liberdade de que dispomos para formar nossas opiniões fica muito restrita. Nossos imperativos de ação se baseiam nas informações que temos sobre o mundo: ora, tais informações, supondo-se até que não sejam falsas, foram selecionadas, triadas, agrupadas, construídas em mensagens verbais ou visuais para conduzir-nos a tal decisão em vez de a outra. (2012, p.144)

Trata-se de uma visão sobre a presença do jornalismo na sociedade e sobre a forma como o jornalismo fala da sociedade. Um misto entre a visibilidade em relação ao jornalismo, que o dá a ver no contexto social por meio da crítica, bem como em relação à interpretação que o jornalismo realiza da sociedade, considerada, por Todorov, como enviesada.

Outro autor, Zygmund Bauman, inclui também o discurso jornalístico na formulação de sua análise sobre a sociedade contemporânea. No livro *Vida para Consumo - a transformação das pessoas em mercadoria* (2008), o sociólogo se propõe a “analisar como a sociedade moderna de produtores foi gradualmente se transformando em uma sociedade de consumidores”. Nessa nova organização social, os indivíduos se tornam ao mesmo tempo promotores de mercadorias e também as próprias mercadorias que promovem - e todos habitam o espaço social que costumamos descrever como o mercado” (trecho da orelha do livro). Para Bauman, a transformação dos consumidores em mercadorias é a principal característica da sociedade de consumo e faz alterar diversos aspectos da vida social, passando pela política, a construção de identidade, a adoção de valores e a produção de conhecimento.

Na introdução ao livro, chamada de *O segredo mais bem guardado da sociedade de consumidores*, há, como epígrafe, uma frase de Pierre Bourdieu, retirada do livro *Meditações pascalinas*: “Talvez não exista pior privação, pior carência, que a dos perdedores na luta simbólica por reconhecimento, por acesso a uma existência socialmente reconhecida, em suma, por humanidade” (BAUMAN, 2008, p. 7). A seguir, Bauman esclarece seu ponto de partida: “consideremos três casos escolhidos de maneira aleatória, dos hábitos altamente mutáveis de nossa sociedade cada vez mais ‘plugada’, ou, para ser mais preciso, sem fio” (2008, p. 7). O primeiro, uma notícia publicada no periódico britânico *The Guardian*, em 2 de março de 2006, dizendo que as redes sociais se transformaram no sucesso do momento, exemplificado pela criação de sites concorrentes num mesmo segmento. O segundo caso, no mesmo dia e mesmo jornal, “embora em página bem diferente e sem conexão temática, organizada por outro editor, informando ao leitor

que “sistemas informáticos estão sendo usados para rejeitá-lo de maneira mais eficaz, dependendo de seu valor para a companhia para a qual você está ligando” (2008, p. 9). E o caso 3: “Poucos dias depois, outro editor, em outra página, informava aos leitores que Charles Clarke, ministro britânico do Interior, havia anunciado um novo sistema de imigração ‘baseado em pontuações’, destinado a ‘atrair os melhores e mais inteligentes’ e, é claro, repelir e manter afastados todos os demais, ainda que essa parte da declaração de Clarke fosse difícil de detectar na versão apresentada no comunicado à imprensa - totalmente omitida ou relegada às letras miúdas” (2008, p. 11). Cada uma das notícias é descrita, comentada e analisada criticamente, inclusive em seus modos de narrar (totalmente omitida ou relegada às letras miúdas, como pondera o autor). Ao fim da apresentação dos três casos, Bauman (2008, p. 13) sintetiza:

Três casos apresentados em três diferentes seções do jornal e supostamente pertencentes a domínios da vida muito distintos, cada qual governado por seu próprio conjunto de regras, supervisionado e administrado por agências mutuamente independentes. Casos que parecem tão dessemelhantes, que dizem respeito a pessoas com origens, idades e interesses amplamente diversos, confrontadas com desafios bastante variados e lutando para resolver problemas muito diferentes. Pode-se indagar: haveria alguma razão para colocá-las lado a lado e considerá-las como espécimes de uma mesma categoria? A resposta é sim, há uma razão, e muito poderosa, para conectá-las.

Ao longo do livro, pequenos “estudos de caso midiáticos”, sobre passagens da cobertura cotidiana da “realidade consumista”, acabam por realizar uma espécie de análise, de fundo hermenêutico, sobre as discursividades jornalísticas, ressaltando, ao mesmo tempo, o papel que os conteúdos informacionais têm na construção de uma desinformação na vida social e, concomitantemente, no enredar de leituras sociológicas. Segundo Bauman, o excesso de informação e o papel desempenhado pelos meios de comunicação (sua relação com certas normas e padrões em vigor) são um dos fatores do patológico processo de transformação dos sujeitos em produtos. No que se lê da presença do jornalismo no livro, em sentido “mais positivo”, este aparece como referente para o labor analítico realizado pelo autor. Não no sentido de um “referente puro”, mas também no sentido de uma “primeira interpretação”, como já apontamos em outro momento neste texto⁷.

No livro *Bauman sobre Bauman* (2011), ao lembrar a influência de dois intelectuais poloneses em seu trabalho, Stanislaw Ossowski e Julian Hochfeld, o próprio Bauman enfatiza que a sociologia “não tem - nem pode ter - outro sentido além de um comentário

permanente sobre a ‘experiência vivida’ dos seres humanos, tão transitória e obsessivamente autoatualizada como essa própria experiência” (p. 30). A afirmação do autor escancara uma questão metodológica e serve pra nós de exemplo concreto do papel do cotidiano naquilo que aproxima o jornalismo e seus saber de outros: a potencialidade de sua interpretação. E seu duplo sentido: o do jornalismo que interpreta (a sociedade) e o do jornalismo que se pode interpretar.

A reflexão de Robert Park sobre “suas” *Thought News*, coletada por J.B. Backer e reproduzida por Berganza Conde (2000, p. 22), fala de maneira idealista sobre essa potencialidade:

El periódico, por el mero hecho de informar sobre las tendencias de los hechos cotidianos, provisto de una visión filosófica y con precisión científica, está destinado a traer câmbios profundos e inmediatos. Queríamos conseguir una revolución silenciosa y contínua, una vez que hubiera llegado el momento en el que el periódico fuera capaz y estuviera deseoso de informar sobre los acontecimientos sociales y políticos con la misma precisión que se informaba sobre la bolsa y los juegos de pelota.

Talvez o encontro da sociologia com o jornalismo e o encontro deste com outros saberes desperte ou atualize esses propósitos. Seja no rompimento com a “revolução”, apontado por José de Souza Martins, seja no avançar de um conhecimento puramente “legislativo” (nos dizeres de Tralhão sobre Bauman), o interesse pelo cotidiano como a “nova postura” da sociologia, rompendo com “fazer sociológicos” anteriores, evidenciam a interpretação como elo metodológico, que concilia rigor e espontaneidade. Mas se o jornalismo é também aquele que interpreta, como vimos argumentando, talvez a pergunta agora volte-se, pelo jornalismo, para o cotidiano e o que isso trará, de conseqüências, para o seu fazer. Reconhecendo a multiplicidade do cotidiano e sua dinamicidade, movida por distintas experiências sociais, qual cotidiano nos interessa? A virada jornalística, nesse viés, assim como naquela advogada pelas ciências sociais, tem mais a ver com posturas sobre o cotidiano que com o cotidiano em si. Os cotidianos jornalísticos serão (sempre) potencialmente outros, incorporados e/ou criticados por outros campos ou não, desde que a instabilidade sobre a qual o jornalismo (ou o jornalista) atua torne-se uma estabilidade coerentemente desnaturalizada e não uma naturalidade coerente, que superficializa o senso comum ou o submete a certas lógicas e instâncias. Eis o eixo de sua problematização e aquilo que pela interpretação, como aqui é perguntado, se interpenetra.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Elton (Org.), LEAL, Bruno Souza (Org.) VAZ, Paulo Bernardo (Org.). **Jornalismo e Acontecimento: percursos metodológicos**. Florianópolis: Insular, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Bauman sobre Bauman**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BENETTI, Marcia (Org.); FONSECA, Virgínia (Org.). **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010.
- BERGANZA CONDE, María Rosa. A contribuição de Robert E. Park, o jornalista que se converteu em sociólogo, à teoria da informação. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz (orgs.). **A era glacial do jornalismo: teorias da imprensa**, v. 2. Porto Alegre: Sulina, 2008, p.15-32.
- BERGANZA CONDE, María Rosa. **Comunicación, opinión pública y prensa en la sociología de Robert E. Park**. Madrid: CIS, 2000.
- BERGANZA CONDE, María. Hacia una recuperación del pensamiento de los pioneros: el concepto de comunicación en la teoría sociológica de Robert E. Park. **Comunicación y Sociedad**. Volume XII, n. 1, 1999, p. 49 -75.
- BERGER, Christa. **Da circulação de saberes: jornalismo e ciências sociais**. Projeto de Pesquisa (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2012.
- BERGER, Christa. O conhecimento do jornalismo no círculo hermenêutico. **Brazilian Journalism Research**, v. 6, p. 17-25, 2010.
- BERGER, Christa; TAVARES, Frederico de Mello B. Tipologias do acontecimento jornalístico. In: BENETTI, Marcia (Org.); FONSECA, Virgínia (Org.). **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010. p. 121-142.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- CARVALHO, Carlos Alberto de. Entendendo as narrativas jornalísticas a partir da tríplice mimese proposta por Paul Ricouer. **Matrizes (USP. Impresso)**, v. 6, p. 169-188, 2012.
- CARVALHO, Carlos Alberto de. O Cotidiano como referência para compreensão das dinâmicas da produção jornalística. **Lumina (UFJF. Online)**, v. 2, p. 01-13, 2008.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê, 1987.

LAGE, Nilson. **Estrutura da Notícia**. São Paulo: Ática, 2002.

MAROCCO, Beatriz (Org.); BERGER, Christa (Org.); HENN, Ronaldo (Org.). **Jornalismo e acontecimento: diante da morte**. Florianópolis: Insular, 2012.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2008.

MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos**. Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao sendo crítico. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

PARK, Robert E. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. In: BERGER, Christa (Org.); MAROCCO, Beatriz (Org.). **A era glacial do jornalismo: teorias da imprensa**, v. 2. Porto Alegre: Sulina, 2008, p. 51-70.

PARK, Robert E. "Na autobiographical note". In: HUGHES, E.C. et. al. (Orgs.). **Race and Culture: Collected Papers of R. E. Park**. Nova York: Glencoe III e Free Press, 1950, p. ix *apud* BERGANZA CONDE, María Rosa. A contribuição de Robert E. Park, o jornalista que se converteu em sociólogo, à teoria da informação. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz (orgs.). **A era glacial do jornalismo: teorias da imprensa**, v. 2. Porto Alegre: Sulina, 2008, p. 19.

RICOEUR, Paul. **O conflito das interpretações**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1978.

TAVARES, Frederico de Mello B. **Identidades Sociais e Editoriais nas páginas da revista Alterosa (1939 - 1964)**. Projeto de Pesquisa (Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo e Serviço Social) - Universidade Federal de Ouro Preto, 2013.

TAVARES, Frederico de Mello B; BERGER, Christa. Na notícia e para além dela: o conceito de informação no jornalismo. **Informação & Sociedade** (UFPB. Online), v. 20, p. 25-37, 2010.

TODOROV, Tzvetan. **Os inimigos íntimos da democracia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

TRALHÃO, Regina. O Sujeito no Pensamento Social: A Hermenêutica e as Ciências Sociais e Humanas. **Interações**, nº 16, p. 7-51, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Editora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2001.

WEBER, Max. Sociologia da Imprensa: um programa de pesquisa. In: MAROCCO, Beatriz (Org.); BERGER, Christa (Org.). **A Era Glacial do Jornalismo**. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 34 - 44.

- 1 Versão revista e ampliada do texto “O cotidiano no horizonte do jornalismo e das ciências sociais: práticas analíticas entre a visibilidade e a interpretação” apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos de Jornalismo do XXII Encontro Anual da Compós, na Universidade Federal da Bahia, Salvador, de 04 a 07 de junho de 2013.
- 2 “La realidad a la que se refiere la interpretación periodística es la realidad social. No pretende el periodista interpretar lo que sucede en la intimidad de las conciencias ni en las profundidades del inconsciente. Es la realidad humana social en la medida en que produce hechos la que aspira a interpretar” (GOMIS, 1991, p. 36).
- 3 Ver: Benetti e Fonseca (2010); Antunes, Leal e Vaz (2011); Marocco, Berger e Henn (2012).
- 4 Franklin Ford era jornalista e havia sido editor do periódico econômico *Bradstreet*, de Nova York, durante a década de 1980 do século XIX. No momento de proposição do projeto *Thought News*, estava desiludido pela escassez de notícias de profundidade na imprensa, algo provocado, em grande medida, pelas pressões de fechamento dos jornais impressos (BERGANZA CONDE, 2000).
- 5 “Lo que ahora constituyen fenómenos de la prensa a los que estamos acostumbrados, tales como bases de datos, periódicos dirigidos solamente a un grupo potencial de la población y los periódicos publicitarios, era en aquellos momentos algo casi visionario” (BERGANZA CONDE, 2000, p. 20).
- 6 Tzvetan Todorov nasceu na Bulgária em 1939 e emigrou para Paris em 1963. Sua tese de doutorado Literatura e e significação foi orientada por Roland Barthes. Pesquisador do CNRS de 1968 a 2005, foi professor visitante das universidades de Yale, Harvard, Columbia e Berkeley. Tem publicado no Brasil, os livros *Memoria do mal, tentação do bem; O medo dos bárbaros; A beleza salvará o mundo e Os inimigos íntimos da democracia*.
- 7 Se vista também como objeto, a postura de Bauman em relação ao jornalismo vai ao encontro sobre a caracterização de seu labor por Regina Tralhão: “[...] Bauman imagina a nova análise social como uma investigação hermenêutica. Assim, tal como acontece na crítica literária, o analista social interpretativo aborda as comunidades como textos, com a intenção de traduzir o não familiar para o familiar. O conhecimento interpretativo é, deste modo, valorizado, na medida em que legitima diferenças, expande a tolerância, promove a diversidade e favorece a comunicação e a compreensão entre diferentes grupos. Os estudos humanos, enquanto análises textuais literárias, ecoam um espírito de ambiguidade, tolerância e diversidade, centrais para a sensibilidade social e cultural” (TRALHÃO, 2009, p. 25).

Artigo recebido: 08 de março de 2014

Artigo aceito: 02 de abril de 2014